

## APRESENTAÇÃO

por

**Ricardo Goldenberg**

...iguais ao ambar que  
preserva a mosca, para nada  
saber de seu voo.

J.L.

**A**s idéias de um autor não são idênticas ao discurso que ele pratica. Esta distinção, importante em qualquer caso, é decisiva quando se trata do ensino de Lacan. Um artigo recente de Juan Ritvo<sup>1</sup>, que trata da posição de Lacan face à ciência, chamou minha atenção para esta questão. Ele escreve, em suma, que o lacanismo

---

<sup>1</sup> "La ciencia de la letra no es científica" in *Conjetural* #28, ediciones Sitio, BsAs, nov. 1993.

está às voltas com um problema ideológico e com outro transferencial. O primeiro diz respeito ao ideal de cientificidade que se encontra por toda parte na obra de Lacan. A procura mais ou menos confessada de uma autoridade que legitime a psicanálise dentro do universo das disciplinas "sérias" alimenta uma ideologia embasada naquele ideal<sup>2</sup>. Donde a confusão de conceitos com preceitos e a consulta aos avalistas de plantão: topólogos, lógicos, lingüistas, filósofos e tantos outros "especialistas" chamados para explicar Lacan aos lacanianos. Quanto à outra dificuldade, a transferencial, o livro de François Roustang, "Do equívoco ao impasse", serve para ilustrá-la.

Como ele [Roustang] "acreditara" na proposta científica de Lacan, a insuficiência desta proposta levava-o a abandonar o lacanismo. E muito embora pretenda obsessivamente colocar-se à margem deste, na realidade seu livro é, também, um sintoma institucional do lacanismo que tenta desmistificar<sup>3</sup>.

A difusão das idéias de Lacan, longe de ir sempre na direção de seu discurso, em muitas ocasiões teve o efeito de neutralizá-lo, isto é, de ir contra a política que aquelas idéias supostamente serviam. A tensão entre as idéias e a política passa pelo estilo lacaniano. Estilo este cujo espírito performático contribuiu tanto a reduzir o ensino de Lacan a uma soma de anedotas sobre um palhaço genial<sup>4</sup>. Os aforismos que ele lançara durante os seminários, fazem parte - e uma parte nada desprezível - daquele arsenal de gestos tomados como atos fundamentais por alguns e que, para outros, não passam

---

<sup>2</sup> Leia-se o livro de Michel Fennetaux, *A psicanálise: caminho das luzes?*

<sup>3</sup> *ibid.* nota 3

<sup>4</sup> Os detratores ficam com o palhaço e os epígonos se fazem de "entendidos" do gênio (no mesmo sentido em que usam este termo os homossexuais). "Eu me vi na televisão", diz Lacan, acho que foi numa conferência em Roma. "Sou um palhaço. Façam como eu, não me imitem".

de gestos de efeito. "Não há relação sexual". "A mulher não existe". Etc. Este boletim, aos meus cuidados, sob o pretexto de comentar uma daquelas frases - mais citadas do que lidas -, pretende chamar a atenção para o discurso que lhes dá sentido - menos significado do que direção<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Sentido, isto é, significado e direção (...) não há como seguir-me sem passar pelos meus significantes, porém, passar por eles comporta esse sentimento de alienação que incita (a alguns dos que me seguem) a procurar, segundo a fórmula de Freud, a pequena diferença. Infelizmente, esta pequena diferença faz-lhes perder o alcance da direção que eu lhes indicava....

## A linguagem segundo Lacan

O erro e a miragem, quando se fala de linguagem, é o de se acreditar que sua significação é aquilo que ela designa. Não é isso, não. Claro que a linguagem designa alguma coisa. Porém, antes de designar o que quer que seja, ela preenche uma certa função.

Encontrei esta observação numa conferência pouco conhecida de 1953 (anterior ao "discurso de Roma"), proferida perante os colegas da SFP, denominada "O simbólico, o imaginário e o real". Lacan ilustra esta "certa função" da linguagem<sup>6</sup> mediante a contra-senha e as palavras de amor. Nenhuma das duas vale pelos significados das palavras empregadas. Elas servem ou não servem para realizar algo: preservar a vida de quem as diz, no caso da contra-senha, ou acesar o tesão do parceiro, no do discurso amoroso. Duas manifestações destinadas a mostrar como o uso da linguagem, fora de qualquer intenção de comunicar, tem o poder de agir sobre os que falam, ainda que nenhuma significação particular tenha sido veiculada durante a troca de palavras. O "bate-papo" mais vazio (conversar sobre o tempo, por exemplo, ou a inflação) serve para realizar a função de identificar os interlocutores, de confirmar sua pertença à mesma comunidade (pode ser o sexo, a classe social ou a espécie humana, tanto faz). Como Mallarmé, Lacan acha a

---

<sup>6</sup> *No que diz respeito à questão da origem da linguagem, claro, não estamos aqui para fazermos um delírio coletivo, nem organizado nem individual. Este assunto se presta demasiado bem a este tipo de delírio. A linguagem já está aí; é algo que aparece. E uma vez que surgiu, nunca saberemos quando nem como começou, nem como era tudo antes que ela viesse a ser. Ibid.*

linguagem "comparável a uma moeda apagada que nos passamos de mão em mão em silêncio".

É neste sentido que sintomas e fantasias (depois será o inconsciente) estão feitos do mesmo estofa que a linguagem<sup>7</sup>. Menos pela possibilidade de eles terem um significado qualquer que pela identidade de sua função. Esta estaria, no caso dos sintomas e das fantasias, especificada pelas condições do que na época denominava "diálogo analítico" e mais tarde chamaria "discurso psicanalítico".

A leitura, portanto, não pode ser concebida apenas como a apreensão dos significados mas, também, como uma operação<sup>8</sup>. O "operatório" aqui remete, antes de mais nada, ao conjunto de mecanismos isolados por Freud para explicar como o inconsciente trabalha (*Verdichtung*, *Verschiebung*, *Entstellung*, etc.). O inconsciente freudiano é antes uma questão de leitura<sup>9</sup> que um

---

<sup>7</sup> (...) entendo que a fantasia...tem apenas um valor simbólico, que não podemos apreciar ou compreender de outro modo que como uma função do momento da análise no qual ela vem se inserir. Com efeito, ainda que o sujeito não a confesse, a fantasia surge e a frequência de seu surgimento demonstra que ela aparece num momento específico do diálogo analítico. A fantasia foi feita para expressar algo, para ser dita, para simbolizar qualquer coisa, qualquer coisa que pode ter sentidos completamente diferentes segundo o momento deste diálogo (...)

<sup>8</sup> "A instância da letra...": Esta estrutura de linguagem que torna possível a operação de leitura, está no princípio da significação do sonho; da Traumdeutung..

<sup>9</sup> Não é minha a expressão "o sonho é um rebus", ela é de Freud. E que o sintoma não exprime, ele também, nada que não

problema afetivo ou de instintos. "O inconsciente está estruturado como uma linguagem" resume a tese dos textos que Lacan considera fundadores da psicanálise: *A interpretação dos sonhos, O chiste e sua relação com o inconsciente* e *A psicopatologia da vida cotidiana*. Mas também adverte que a psicanálise não se interessa pela linguagem de qualquer maneira. Ou, melhor, não da maneira dos lingüistas.

*A minha expressão de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, não se refere ao campo da lingüística<sup>10</sup>.*

É precisamente por não se perguntarem de que modo a linguagem interessava à psicanálise que este aforismo lacaniano foi tomado como uma analogia entre o inconsciente e a linguagem dos lingüistas, dando lugar à famigerada crítica de que Lacan reduzia o inconsciente à fala ignorando o pre-verbal.

Consta dos *Écrits*, entretanto, uma comunicação que Lacan fizera em 1960 (que publicamos a seguir) a propósito de uma conferência

---

*esteja estruturado e organizado como uma linguagem, está suficientemente demonstrado pelo sintoma histérico...construído da mesma maneira que as imagens são construídas nos sonhos, como representando uma convergência, uma sobreposição de símbolos, tão complexa como uma frase poética que vale ao mesmo tempo por seu tom, sua estrutura, seus trocadilhos, seus ritmos, sua sonoridade, ou seja, sobre múltiplos planos, e todos da ordem e do registro da linguagem. Ibid*

<sup>10</sup> Radiofonia

de Chaim Perelman<sup>11</sup>, e cuja aparente finalidade era criticar o uso da metáfora como analogia proposto por este três anos antes<sup>12</sup>. O interesse deste pequenino artigo (que, infelizmente, não dispensa da leitura de outro bem maior, do qual é um apêndice: *A instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud*, de 1957<sup>13</sup>) é mostrar o modo de Lacan argumentar<sup>14</sup>, isto é, o exercício de sua política no que tange à psicanálise.

A obra de Perelman, a que Lacan alude, é um volumoso tratado de 730 páginas denominado "A nova retórica, Tratado da argumentação". A intervenção lacaniana se refere a um dos exemplos inclusos num dos noventa itens que constam do terceiro capítulo no segundo volume (e que também publicamos a seguir). Os ouvintes de Lacan não são os mesmos de Perelman, portanto, devemos pensar, a princípio, que ele não visa os mesmos endereços que Perelman. Não se trata de corrigir a teoria da argumentação mas de argumentar. Lacan aproveita o ensejo que a tese de Perelman lhe fornece para praticar uma operação retórica no campo psicanalítico. "A metáfora do sujeito" não visa nem a

---

<sup>11</sup>"L'ideal de rationalité et la règle de justice", in *Le champ de l'argumentation*, Presses Universitaires de Bruxelles, 1970.

<sup>12</sup> No *Traité de l'argumentation*, PUF, Paris, 1958, pp. 497/542.

<sup>13</sup> in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.

<sup>14</sup> Cf. Carlos Kuri, "La argumentación incesante", in *Conjetural* #28, BsAs, Nov. 1993. Também Jorge Jinkis "El insulto y la metáfora" in *Lo que el psicoanálisis nos enseña*", Lugar, BsAs, 1983.

lingüística nem a retórica, nem mesmo a metáfora. O alvo deste texto é a concepção vigente de inconsciente entre os psicanalistas, seus colegas. Membros da associação mundial de psicanálise (IPA), dentro da qual ele mesmo militava, como o mestre contestatário que naquela época já era. Esta discussão sobre tropos representa um momento tático, uma peça estratégica dentro da política do famoso "retorno a Freud" (cujo manifesto poderia ser, talvez, "O discurso de Roma"<sup>15</sup>, de 1953).

---

<sup>15</sup> "Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise", in *Écrits*, op.cit.



## **"O inconsciente está estruturado como uma linguagem" é um argumento de Lacan**

Uma metáfora, segundo a tradição dos mestres da retórica, é um tropo, uma figura de linguagem, enfim, um ornamento de estilo. "Uma feliz mudança de significação de uma palavra ou locução" (Quintiliano)<sup>16</sup>.

*Conceber a metáfora como derivado da analogia, e esta como confronto de relações, é a maneira que nos pareceu mais eficaz de lutar, no plano teórico, contra o erro(...) de considerar a metáfora como uma imagem<sup>17</sup>.*

Esta citação resume o projeto de Perelman no que tange à metáfora. Lacan criticará o enlace proposto entre metáfora e analogia, não sem antes aderir do modo mais enfático à proposta de promover a metáfora de simples tropo a ferramenta de argumentação. As razões de sua adesão não são menos importantes que sua crítica e meu intuito é analisar ambas.

Ao incluir a metáfora na listagem dos instrumentos retóricos - das peças de linguagem destinadas não apenas a expressar mas a agir sobre a relação entre o locutor e o interlocutor -, ao fazer da metáfora um agente de transformações, Perelman fornece a Lacan

---

<sup>16</sup> *Traité de l'argumentation*, p.534

<sup>17</sup> *Idem* p.540

um argumento fundamental para sua concepção do inconsciente-leitura.

Perelman, contudo, parte do pressuposto de que podemos dispor com antecedência, como que num cálculo, do sentido novo e do significado dissimulado "sob" a metáfora. Postura inadmissível para Lacan, porque a tese do inconsciente-leitura<sup>18</sup> precisa que a significação metafórica seja posterior à operação de combinar as palavras. Ele não pode aderir à proposta do "Tratado da argumentação" sem antes ocupar-se da dificuldade de trabalhar com significados já constituídos. Deverá, portanto, demonstrar (e, de preferência, com os exemplos do interlocutor) que a significação é **produzida** pela substituição dos significantes. Antes disso, ela não estava em parte alguma.

Lacan não está propondo uma retórica alternativa "melhor" que a de Perelman, seu intuito é mostrar o modo do inconsciente trabalhar nos hiatos da retórica. O "Tratado", por sua vez, tem o objetivo de recuperar um campo abandonado à irracionalidade, excluído dos procedimentos próprios dos sistemas axiomáticos formalizados. Enlaçando estilo e argumentação pretende demonstrar que existe uma mecânica da persuasão. Que a arte de convencer as pessoas teria um mecanismo próprio, diverso da pura sedução do sofista e

---

<sup>18</sup> Leia-se o livro de Safouan "O inconsciente e seu escriba".

independente das razões da lógica (que raramente convencem ninguém de per si).

No "Tratado" Perelman refuta a crença que apoia a metáfora na imagem. Enfatiza a **relação** entre os termos em detrimento da ideia de que agiriam na metáfora semelhanças ocultas nas imagens evocadas pelos termos conectados. Porém, como as analogias devem tudo à imagem, ele se defronta com o problema de saber qual é a distância mínima necessária entre os termos comparados pela relação. Esta deve ser afastada o suficiente para não confundir-se com uma ilustração (na qual "tema" e "foro" pertencem ao mesmo campo de significados) e, ao mesmo tempo, suficientemente próxima para que ainda haja relação. Perelman não conseguirá resolver este problema, pela simples razão de que os termos de referência da analogia inexistem antes de que se produza a relação. A tal relação não religa, inventa. A heterogeneidade dos elementos relacionados não é calculável.

Não é surpreendente, portanto, que quando pretende aproximar-se da analogia para a metáfora em si, os quatro termos relacionados revelem sua arbitrariedade impondo-lhe a necessidade de reconhecer o desajuste do espaço virtual prometido pelo tema e pelo foro<sup>19</sup>.

*As metáforas mais ricas e significativas são, no entanto, as que não surgem ... dentro de uma analogia durante sua*

---

<sup>19</sup> Carlos Kuri, op. cit.

*expressão, senão que se apresentam desde o começo tal qual, pela união, a maioria das vezes, dos termos superiores do tema e do foro (A e C), com o que se deixa sem expressar os termos inferiores (B e D). Não se deve dar por pressupostos estes termos, pois é preciso admitir que a fusão, uma vez realizada, criara uma expressão que se basta a si mesma...*<sup>20</sup>

Se a relação entre A e C basta-se a si própria, sem precisar recorrer aos outros dois termos, então, o embasamento da tese na noção de analogia rui por terra. A própria argumentação de Perelman está num impasse, num beco sem saída e é ali que Lacan vai encurralar seu interlocutor, contra a parede de seus próprios argumentos. Porque o exemplo que Perelman vai procurar neste momento o trai.

Trata-se, no exemplo em questão, de uma metáfora de Berkeley, na qual a analogia não se encontra desenvolvida. *An ocean of false learning*. Um oceano de falsa ciência. A metáfora está composta pela fusão dos termos superiores do "tema" e do "foro" de uma suposta relação analógica<sup>21</sup>. Ao passo que podemos imaginar, sem problema, a tal analogia - o oceano está para a terra firme como a falsidade para a verdade, ou, o oceano está para o nadador como o conhecimento enganoso para o sábio -; devemos enfatizar, com Perelman, que a metáfora não se limita apenas a ser um modo de dizer que a possibilidade de enganar-se tem dimensões oceânicas,

---

<sup>20</sup> Perelman (supra)

<sup>21</sup> "O entardecer da vida" é uma metáfora baseada na seguinte analogia: a tarde está para o dia assim como a velhice para a vida. A tarde e o dia seriam o "tema", a velhice e a vida, o "foro". (Cf. Perelman, supra)

para nos alertar sobre a necessidade de procurarmos verdades mais sólidas.

O oceano não tem qualquer afinidade natural com o conhecimento e a operação toda depende, segundo Lacan, não de uma divisão arbitrária entre tema e foro mas da instalação de uma barra a nível dos significados usais dos termos em jogo.

*A heterogeneidade (dos termos) passa por uma linha divisória -três contra um - e se distingue por ser a do significante e do significado.*

Para demonstrar isso Lacan escreve a metáfora como um algoritmo. Bagunça a ordem proposta por Perelman numa espécie de parodia de proporção algébrica. O resultado é uma desmontagem surrealista da analogia e a anulação do papel esclarecedor de qualquer um dos termos presentes na suposta analogia. Lacan susta o significado impondo o  $x$  do enigma, depois de ter recomposto o enunciado em estratos (bem ao gosto dos nossos poetas concretistas). Os termos presentes deixam de ser evidentes, nenhum deles fala mais por si, tornam-se enigmas reenviados uns contra outros numa regressão sem fim, suprimindo-se qualquer possibilidade de um termo exterior, fórico, que venha organizar a significação global.

an ocean      false      1  
 \_\_\_\_\_ of \_\_\_\_\_ an ocean ( )

learning x ?

Esta representação gráfica, esta escrita "algorítmica", não apenas mostra como realiza a tese de Lacan sobre a leitura como operação. Com efeito, após o "algoritmo", deixa de ser Berkeley que argumenta mas os significantes mesmos. Até o próprio "learning", que se apresentava como a chave da expressão, deixa de comandar o significado.

E, no entanto, depois de o oceano comparecer junto ao "learning" na frase de Berkeley, a falsidade adquiriu um novo "ser" de sentido que não estava previsto nem estava contido nela antes de tornar-se metáfora. É precisamente o que esta escrita pretende dizer com o ponto de interrogação colocado do lado direito.

*(a metáfora produz) uma espécie nova dentro da significação - a de uma falsidade que a contestação não consegue captar, insondável, onda e profundidade de um apeiros<sup>22</sup> do imaginário onde afunda qualquer copo que dali quisesse beber.*

***Um argumento de Lacan: "O inconsciente está estruturado como uma linguagem"***

Na minha opinião, "o inconsciente estruturado como linguagem" é uma declaração política de Lacan. Declaração cujo contexto não era

---

<sup>22</sup> Para os preguiçosos: "apeiros" quer dizer tanto enorme, indefinido, como enganoso, ilusório.

a lingüística mas a instituição da psicanálise. Sua fórmula é ela mesma uma metáfora, no sentido lacaniano do termo, e pode ser submetida à mesma análise que o oceano berkeleyano.

o inconsciente	estruturado	1	
uma linguagem	como	_____	o inconsciente ( )
	x	?	

"Inconsciente" e "linguagem" são aqui dois termos heterogêneos e a noção de estrutura não veio trazer a paz de um campo comum para ambos. Ao contrário, o que está em andamento é a constituição de um novo campo, o psicanalítico, mediante o contrabando de conceitos vindos de alhures, da lingüística, na ocasião. Trata-se, enfim, de uma intervenção pública, cuja finalidade política - relativa à instituição da qual o seminário onde fora proferida fazia parte - está fora de dúvida. Sua finalidade é perturbar a concepção ingênua e pre-freudiana de inconsciente que os colegas e formandos da Sociedade Francesa de Psicanálise sustentavam de fato ou de direito naquela época. Por outras palavras, o aforismo é um argumento. Tanto mais eficaz, como diz Borges, pelo fato de não ser apresentado como um argumento.

O inconsciente vale aqui como um significante que comanda uma substituição cujo efeito é anular o significado introduzido pela vulgata freudiana, impondo, no seu lugar, um x. O produto metafórico desta operação - o lado direito do "algoritmo" -, o ponto de interrogação, indicaria a possibilidade de um sentido novo para aquela "inconsciência", que não se encontra previamente

compreendido nos termos antecedentes. Ao invés de induzir o significado de inconsciente à partir do que pensamos da linguagem - estruturalistas ou não -, Lacan introduz o inconsciente para dentro da linguagem como um cavalo de Troia. Depois de Freud, diz a metáfora, "linguagem" não pode mais querer dizer o mesmo que antes dele.

Duas palavras, para concluir, sobre a ordem de determinação. **A linguagem é a condição do inconsciente.** Não existe aqui a menor ambigüidade para Lacan. O inconsciente é a implicação lógica da existência da linguagem: não há inconsciente sem linguagem. No que tange à lingüística, contudo, ao ser levado a ter de definir sua posição em relação às denominadas ciências semióticas, dirá que, na sua opinião, **o inconsciente é a condição da lingüística.** A meu ver, a condição deve ser entendida aqui em sentido negativo, como uma determinação apoiada numa exclusão, porque o inconsciente é a linguagem habitada pelo sujeito, e a lingüística deve excluir a subjetividade do ser falante para tratar como convém a uma ciência seu objeto de pesquisa. A ciência dos signos estaria apoiada sem saber (claro) naquela exclusão<sup>23</sup>.

Texto publicado no *Boletim de novidades*, Número 67, nov. 1994, S. Paulo: Editora Escuta.

---

<sup>23</sup> Cf. J.- C. Milner, *L'amour de la langue*.